

Decepcionado com bancos, Salinas fala em nova união dos devedores

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

A renegociação da dívida externa do México com os bancos credores continuou sem acordo ontem, mas alguns importantes desdobramentos tornaram-se públicos. O primeiro foi a postura extremamente irritada do presidente Carlos Salinas de Gortari na semana passada.

Em seu encontro com o ministro da Fazenda do Canadá, que foi seu interlocutor junto ao grupo dos sete países ricos, Salinas repetiria o mesmo desencanto que emergira em seu encontro com os presidentes latino-americanos. Ao canadense, ele disse que não está entendendo a negociação com os bancos comerciais em Nova York.

Salinas disse que fez tudo que estava a seu alcance para conter a inflação, reduzir o déficit, abrir espaços para o capital estrangeiro, e não está recebendo nada em troca. Usou, além do México, o exemplo do Brasil, que estaria cumprindo seus compromissos desde o fim da moratória e também não estaria recebendo contrapartida.

Aos presidentes latinos Salinas diria que, se nada acontecer de bom em Nova York, talvez seja o caso de se rearticular uma ação conjunta dos países devedores. O México retraiu-se do Grupo do Rio desde o ano passado, quando tornou-se claro que seria tratado como um caso especial pela administração George Bush.

Salinas não foi ao encontro do Grupo do Rio em Punta del Este, em dezembro, nem à posse do presidente venezuelano Carlos Andrés Pérez no início deste ano porque estava recebendo uma delegação do grupo dos sete países ricos na Cidade do México. E na semana passada ele próprio acenou com a revitalização do grupo dos devedores.

"Eu não creio que um



Carlos Salinas de Gortari

cartel dos devedores se concretize, enquanto houver esperança de um acordo para o México", disse ontem a este jornal o professor Ben Ross Schneider, da Universidade de Princeton, que escreveu um estudo sobre a privatização no México e no Brasil, e acaba de voltar de uma viagem à Cidade do México. Mas, se não houver acordo, a situação pode mudar.

Um banqueiro que participa das negociações com o México afirmou ontem a este jornal que "nós fizemos novas propostas e recebemos algumas sugestões dos mexicanos. Existe alguma divergência ainda quanto ao dinheiro novo, e nós queremos saber, basicamente, como seremos beneficiados assim que o México recomenciar a crescer".

Isso é provavelmente o que Salinas chamou de "novas condicionalidades" que os bancos estariam "apresentando a todo momento", além de vazarem informações e lançarem balões de ensaio, em suas queixas a presidentes da região em Paris na semana passada.

A situação interna do presidente Salinas é difícil. Como notou a economista Eliana Cardoso, professora da Fletcher School da Uni-

versidade Tufts, "a moda hoje nos Estados Unidos é elogiar o México e criticar o Brasil. Mas a verdade é que na década de 80 o desempenho do Brasil tem sido superior ao do México em várias frentes vitais".

Em 1975, por exemplo, a renda per capita do México era de US\$ 2.500, e a brasileira, de US\$ 2.100. Hoje elas são praticamente iguais, se a do Brasil já não for ligeiramente superior. "Entre 1980 e 1988", lembra a professora Eliana, "a economia brasileira teve um crescimento per capita positivo de 0,2%, o que dá um total acumulado de quase 2%. O México teve um crescimento negativo de 1,3% ao ano no mesmo período, o que dá um acumulado negativo de 10,4%.

A diferença, afirma, "é que o Brasil preferiu não pagar o preço do ajuste. Em vez da recessão mexicana, nós preferimos a inflação. O México talvez já tenha pago o preço do ajuste. Se o Brasil tiver uma hiperinflação e o México fi-

zer um bom acordo com os bancos, seu esforço terá valido a pena. Mas isso ainda está por vir. Por enquanto o povo mexicano tem pago um alto preço sem nenhum retorno".

Venezuela de "mãos vazias"

O presidente venezuelano Carlos Andrés Pérez declarou ontem que a reavindicação do país para uma redução de 50% em sua dívida externa foi rejeitada pelos bancos comerciais, fazendo com que sua equipe negociadora voltasse de mãos vazias. Andrés Pérez, frustrado pela recusa de alguns países industrializados de se reunir na semana passada em Paris com os líderes do Terceiro Mundo, para discutir a questão da dívida, afirmou que o tratamento caso por caso para a redução dos débitos enfraquece a posição dos países devedores na mesa de negociações.